



A concepção de ciência iluminista nos relatos de viagem pelo sertão da América portuguesa

Tiago Bonato*

Índice

1. Os atores dessa história; 2. Sapere aude!; 3. Viagens filosóficas portuguesas; 4. Concepções de ciência setecentistas; 5. Conclusão

Palavras chave

América portuguesa, viagens filosóficas, ciência, relatos de viagem

1. Os atores dessa história

Início este trabalho com um trecho da *Memoria sobre o sal aluminozo de plumas* de Vicente Jorge Dias Cabral, escrito em sua viagem ao sertão¹ da América portuguesa. O trecho servirá de fio condutor, uma vez que apresenta, em poucas linhas, três concepções de ciência do naturalista, ou, mais ainda, três maneiras de como legitimar essa concepção de ciência.

O alúmen plumoso, que é raríssimo nos gabinetes dos curiosos, é frequentíssimo no nosso Piauí, e talvez mais do que no Egito, Macedônia, Ilhas de Sardenha e do Nilo. Não o confundo com o asbesto fibroso pela semelhança das fibras (Kirss, chap.6 spec.3 va.1^a) que não é sal, e o nosso alúmen tem sim as fibras semelhantes brancas, cristalinas, luzidias e que se separam facilmente (Cabral, 1800)².

* Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro).

¹ O termo *sertão* sofreu mudanças de significado desde suas primeiras aparições na documentação portuguesa, ainda no século XVI. No início, o termo fazia referência aos territórios que se encontravam distantes do litoral, ou seja, o termo se referia a maior parte dos territórios coloniais portugueses. Segundo o *Vocabulário portuguez e latino* de D. Raphael Bluteau, publicado em 1712, a palavra *sertão* significava «região apartada do mar e por todas as partes metidas entre terras». Durante o período de colonização do Novo mundo, o termo foi sofrendo uma inflexão em seu significado, se tornando aos poucos a antítese do litoral, não apenas geograficamente, mas também em oposição à civilização. Atualmente, no Brasil, o termo se refere, *grosso modo*, apenas à uma região específica do Nordeste do País de clima semiárido. Assim, continuando a mutação de significados, o *sertão* passou a ser associado a uma região marcada pela seca, pela pobreza, analfabetismo e outros problemas sociais.

² No documento original lê-se: «O alumen plumozo, que he rarissimo nos gabinetes dos Curiozos, he frequentissimo no nosso Piauihy, e talvez mais do que no Egito, Macedonia, Ilhas de Sardenha e do Nilo.



Vicente Jorge Dias Cabral fez parte da segunda leva de brasileiros coimbrões, mobilizada pela coroa portuguesa a fim de realizar viagens no interior dos territórios ultramarinos portugueses. Além dele, foram enviados em viagens filosóficas neste período Hipólito da Costa (território do atual Eua), Manuel Arruda da Câmara (Ceará) João da Silva Feijó (Cabo Verde) e Francisco José de Lacerda e Almeida (enviado à África com a missão de atravessar o continente, de Moçambique a Angola).

Nascido em Tejuco – atual Diamantina – Minas Gerais, Vicente Jorge Dias Cabral foi estudar advocacia na Universidade de Coimbra reformada. Lá estudou direito, matemática e filosofia natural, formando-se bacharel e naturalista. Depois de formado, Dias Cabral foi para São Luiz do Maranhão trabalhar como advogado. Durante os dez meses que assim permaneceu, o naturalista também foi o encarregado do Horto botânico da cidade. No final de 1799, foi enviado, juntamente com o padre Joaquim José Pereira, para explorar os sertões nordestinos em busca de salitre natural e da quina do Piauí.

O padre Joaquim, ou vigário de Valença – como também era conhecido em referência a sua residência como pároco do termo da cidade de Valença do Piauí – tinha um profundo conhecimento sobre os sertões. Como ele mesmo narra em seus relatos, cruzou os sertões de Pernambuco e Maranhão, «vivendo por elles mais de doze anos» (Pereira, 1904: 165). Sua trajetória de vida é pouco conhecida, apesar de seus inúmeros trabalhos. O padre fala em uma de suas memórias sobre seu local de nascimento, Carnoza Correa. A falta de informações impede que saibamos se o nome se refere a uma vila, região ou fazenda.

Na última década do século XVII o padre realizou suas viagens e produziu suas memórias. Sob as ordens do ministro dos negócios de ultramar, Rodrigo de Souza Coutinho, o padre realizou pelo menos três viagens na última década do século. Uma pelo sertão da Ribeira do Apody, nos anos de 1792 e 1793, da qual resultou a *Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da Ribeira do Apody*. No ano de 1792, em outra expedição, o padre partiu da vila de Portalegre, no sertão do atual estado de Rio Grande do Norte – todo ele parte integrante da então capitania de Pernambuco. De Portalegre, Joaquim José seguiu até São Luiz do Maranhão e dali para a exploração dos sertões dessa capitania entre 1794 e 1797. Dessa viagem resultou a *Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão, que igualmente diz respeito ao numero das freguesias, e ao das almas, de que consta a mesma capitania; dirigida, e consagrada ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, conselheiro, ministro e secretario de estado dos negócios da marinha*.

Em 1799, o padre iniciou outra grande viagem, desta vez pelos sertões do Maranhão

Não o confundo com o asbesto fibroso pela semelhança das fibras (Kirss, Chap.6, spec.3, var.1^a) que não he Sal, e o nosso alumen tem sim as fibras semelhantes brancas, chistalinas, luzidias, e que se separão facilmente». A memória é parte integrante da *Continuação das observaçoens feitas sobre diversos saes na parte inferior do Piauhy desde junho de 1800 athé março de 1801*, do mesmo autor (Arquivo histórico ultramarino, Maranhão, caixa 127, doc.9555). Os trechos de fonte utilizados no texto serão adaptados à forma de escrita atual. Nas notas de rodapé mantereí a grafia do original. Grande parte das fontes que utilizo não foi publicada e se encontra no manuscrito, sem numeração de páginas. Portanto, convenciono referenciar apenas com o sobrenome do autor e o ano da escrita.



e do Piauí. Mais uma vez o ponto de partida foi a capital, São Luiz. Depois de subir o rio Muni em direção ao leste da capitania, e visitar algumas vilas durante os primeiros meses da viagem, ele chegou à cidade de Aldeias Altas, onde, em doze de abril de 1800, encontrou Dias Cabral, que o acompanhou no restante da viagem. A viagem durou cerca de três anos e a produção dos cientistas inclui diários de viagem, memórias, ofícios, análises botânicas e remessas de produtos naturais para Lisboa.

2. Sapere aude!

O trecho inicialmente citado nos dá pistas sobre a interiorização e utilização do conceito de *ciência* pelos viajantes naturalistas. Como se sabe, o século XVIII é o século das luzes. Uma boa indicação para entendermos a mudança do pensamento de alguns intelectuais no período é seguirmos a trajetória da expressão que veio a ser o mote do movimento: *sapere aude!* As palavras foram escritas pelo filósofo alemão Immanuel Kant, respondendo a pergunta *was ist aufklärung*, em 1783³. O caminho que a expressão percorreu até ser reescrita por Kant é longo. Sua origem remonta à antiguidade clássica, às cartas de Horácio. *Sapere aude* é uma expressão utilizada pelo poeta latino em uma epístola a Lollio. Seu significado literal é *ousa saber*. Horácio utiliza essas palavras como mensagem a um tolo que hesita em atravessar um rio, pois espera que a água pare de correr (Ginzburg, 2007: 114-117).

A expressão, todavia, começa a tomar um sentido diferente quando contraposto à concepção cristã e teológica. *Sapere aude* foi contrastado com as palavras de São Paulo «*Noli altum sapere, sed time*». A tradução para as palavras de Paulo pode ser *não pretendas saber muito, mas ousa* (Venturi, 2003: 35). Para Ginzburg, a frase também tem em seu significado a premissa: *não conhecer aquilo que está no alto* (Ginzburg, 2007: 95). A partir de então, as expressões se confundiram e, segundo o mesmo autor, o trecho foi muitas vezes mal entendido no Ocidente. A partir do século IV, «*sapere* foi entendido não como um verbo de significado moral (*sê sábio*), mas como um verbo de significado intelectual (*conhecer*); a expressão adverbial *altum*, por outro lado, foi entendida por um substantivo que designa *aquilo que está no alto*» (Ginzburg, 2007: 95). Assim, as palavras de Paulo foram constantemente utilizadas como aviso aos homens que buscassem saber as coisas do alto, as coisas de Deus.

A tradição acabou por fazer da expressão usada por Kant – *sapere aude!* – um mote iluminista, num momento histórico em que a razão foi privilegiada e o funcionamento do mundo poderia e deveria ser desvendado pelos homens. Rompeu-se, nesse momento, o instável equilíbrio entre «*não conhecer aquilo que está no alto*» e «*ousa conhecer*».

Os mecanismos da natureza e seus mistérios, portanto, pareciam propícios aos estudos. A discussão entre os antigos valores medievais e os novos sistemas explicativos do século XVIII gerou conflitos entre intelectuais. Para a historiadora Ana

³ As reflexões que seguem sobre o Iluminismo podem ser encontradas, de forma mais completa, em Bonato (2014).



Lúcia Barbalho da Cruz,

deve-se levar em conta que este é um período em que as experiências científicas se multiplicavam por toda a Europa e, a rigor, ainda não se tinha muita clareza acerca da explicação dos fenômenos da natureza. O que estava em jogo era, principalmente, a questão do método de apreensão da realidade. Nesse sentido, eram tidos como antigos os que tentavam ajustar os fenômenos observáveis da Natureza a princípios tidos como imutáveis; por outro lado, e em oposição a estes, designavam-se modernos aqueles que propugnavam a valorização do método experimental (Cruz, 2004: 68).

O método experimental dos intelectuais iluministas se propunha a explicar todos os fenômenos e reações da natureza. A tentativa de desvendar objetivamente o mundo natural transformava em objeto de estudo os mistérios da criação divina. A perspectiva de que a natureza deveria estar a serviço do homem transformou a idéia de mundo natural. A partir dali, os mistérios da natureza, que estavam ocultos ao homem, deveriam ser descobertos e resolvidos.

3. Viagens filosóficas portuguesas

As viagens científicas organizadas pelas nações européias no período são um reflexo dessa nova mentalidade e desse novo olhar para a natureza. Muitas expedições foram enviadas aos territórios coloniais europeus, no intuito de conhecer e aproveitar os potenciais naturais dos territórios. A concepção de *ciência* sai então das universidades e dos laboratórios europeus e partem com os naturalistas para o além-mar.

O objetivo desse ensaio será entender qual a concepção de ciência utilizada por dois naturalistas em viagem: o já citado bacharel Vicente Jorge Dias Cabral e seu companheiro de expedição, o padre Joaquim José Pereira. Para levar a cabo esse objetivo, creio que seja fecunda a análise de três pontos ligeiramente diferenciados na definição que os relatos deixam transparecer: a utilização da ciência para sanar as necessidades do Estado; a legitimação do conhecimento científico acadêmico frente a outras formas de apreensão do mundo presentes no cotidiano das viagens, normalmente nas populações locais; e ainda, a ciência enquanto geradora de certo *status* entre as nações européias do período.

Muito já se discutiu na historiografia a respeito do utilitarismo científico português⁴. Longe de ser uma exceção, mesmo dentro de suas especificidades, a idéia de utilizar a natureza – por meio da ciência – para o bem do Estado era regra comum no pensamento iluminista. Segundo José Roberto Braga Portela

a ciência tinha como função social resolver problemas. A utilidade era a vértebra da própria concepção de ciência. O conhecimento científico encontrava-se ao serviço do homem, da sociedade. Para os cientistas e demais indivíduos influenciados pelo pensamento iluminista, a ciência era prática, aplicada, deveria ajudar a resolver os males que imperavam na sociedade (Portella, 2006: 03).

⁴ Sobre o tema, ver, entre outros Portela (2006) e Domingues (2001).



4. Concepções de ciência setecentistas

Nesse sentido, os olhos dos naturalistas estavam atentos a tudo que pudesse ser *utilizado*. Nas palavras de Joaquim José Pereira, «providenciar-se o mais que for útil ao bem público» (Pereira, 1803)⁵.

As utilidades eram muitas. Ciência e economia andavam juntas no século das Luzes. A tentativa de catalogar a natureza em sua totalidade – ideal utópico da ciência setecentista – passava pela descoberta de minérios, sais, animais exóticos, plantas medicinais, diamantes, metais preciosos, etc. Um desses produtos, o salitre natural, por exemplo, era objetivo principal e declarado da viagem de Joaquim José Pereira e Vicente Dias Cabral. Porém, muitos outros relatos do período versam sobre ele. Isso nos leva a crer que havia um grande interesse pelo produto na época. Formado através da decomposição da matéria orgânica, o salitre, ou nitro, é matéria-prima essencial da pólvora. Daí sua importância e grande interesse por parte do Estado lusitano. Segundo Vicente Jorge Dias Cabral «o nitro, depois da invenção da pólvora, se tornou de necessidade para a defesa do Estado. Uma nação cercada de inimigos, não tendo forças internas, está inteiramente destruída» (Cabral, 1801)⁶.

A primazia ibérica nos oceanos e territórios fora da Europa nos séculos XV e XVI, já não existia. No cenário mundial do século XVIII outros estados europeus eram potências marítimas e ameaçavam as colônias ibéricas, principalmente Inglaterra, Holanda e França. Portanto, numa conjuntura internacional onde a proteção dos territórios coloniais era essencial, a busca pela pólvora – e sua matéria prima principal, o nitro – esteve muito presente.

Também a descrição sobre o ferro, escrita por Vicente Jorge Dias Cabral, é interessante a esse respeito. A citação é longa, mas válida.

O ferro é o principal metal, e de primeira necessidade na vida humana e a contar-se com uso que presta e o socorro que os homens acham nele, dever-se-ia considerar não só como o mais útil dos metais, mas como o mais precioso que os metais nobres. O ouro e a prata não socorrem a necessidade dos homens senão pelo sinal convencional de riqueza (...) mas o ferro tendo em si mesmo nobreza real derivada da necessidade absoluta que os homens tem dele, não precisa de convenção humana para ser um objeto digno de toda atenção do ministério e cuidar-se com todo cuidado na extração dele principalmente em colônias sem fábricas algumas, como são as nossas brasileiras (Cabral, 1800)⁷.

⁵ No documento original lê-se: «providenciar-se o mais que for útil ao bem público».

⁶ No original: «O nitro depois da invenção da pólvora se tornou de necessidade para a defesa do Estado. Uma Nação cercada de inimigos não tendo forças internas, está inteiramente destruída».

⁷ No original: «O ferro he o principal metal, e de primeira necessidade na vida humana, e a contar-se com uso que presta, e o socorro que os homens achão nelle, dever-se-hia considerar não so como o mais util dos metaes, mas como o mais precioso, que os metaes Nobres. O ouro e a prata não socorrem a necessidade dos homens senão pelo signal convencional de riqueza. (...) Mas o ferro tendo em si mesmo nobreza Real derivada da necessidade absoluta, que os homens tem delle, não precisa de convenção humana, para ser hum objecto digno de toda atensão do Ministerio, e cuidar-se com todo o cuidado na extração delle principalmente em Colonias sem fabricas algumas, como são as nossas Braziliannas».



O ferro deveria ser o mais valioso dos metais, por sua utilidade verdadeira. Já o ouro e a prata só são valiosos por uma questão de convenção e, nesse sentido, inferiores ao ferro. A ciência estaria a serviço do Estado para sua devida extração e beneficiamento nas colônias. Sobre estabelecimento de fábricas de ferro na colônia brasileira, o historiador Alex Gonçalves Varela também mostra a relação entre esse metal e o ouro, afirmando que isso

explica-se como uma consequência do esgotamento das minas de ouro, obrigando Portugal a procurar algum produto que pudesse substituir a outrora infindável riqueza. O ferro passou a ser mencionado como um produto passível de prover o erário real dos numerários indispensáveis à manutenção da monarquia portuguesa. Ademais, vale frisar que a Revolução industrial inglesa colocou esse minério, juntamente com o carvão, como os principais produtos que determinariam a supremacia de uma nação sobre a outra (Varela, 2009: 146).

Partindo desse trecho, podemos discutir aqui outra questão relacionada à concepção de ciência nos relatos de viagem: o *status* que era delegado a cada nação que fizesse bom uso da ciência – seja por descoberta de novas espécies ou por se tornar autossuficiente no que diz respeito a matérias primas estratégicas.

Magnus Pereira aponta essa «corrida pela classificação de novas espécies» minerais, animais e vegetais atuando, inclusive, na organização das viagens filosóficas em Portugal.

O desmembramento da equipe pode ter sido uma forma de apressar a recolha de «produtos da natureza» das diversas partes do Império, de maneira a catalogá-los o mais breve possível, o que renderia muitos dividendos acadêmicos e políticos, nesta corrida científica que se estabelecera entre as nações européias. Recolher e dar a conhecer o maior número possível de espécies era uma questão de orgulho nacional (Pereira, 2002: 30).

Exemplos da rivalidade entre os estados europeus quando se trata do mundo natural se multiplicam nas fontes. Vicente Jorge Dias Cabral fala das reservas salinas encontradas em solo americano: «Por estas razões a Vargem da Samambaia excede em sal a do Iguará e não nos deixa ter inveja dos Lagos da Sibéria. A análise confirmou ter mais sal do que a do Iguará» (Cabral, 1800). O naturalista faz questão de comparar a produção portuguesa com os «Lagos do Sibéria». Em outro momento, a comparação é com o salitre francês, feita por Joaquim José Pereira. Entretanto, a tentativa é aprender com o exemplo estrangeiro:

É bem verdade que o grande Príncipe Luiz 14 de França por motivo de Guerras continuadas no seu dilatado Reino, viu-se obrigado a fazer dobrar, e triplicar as fabricas dos Salitres de sorte que em lugar de 1500 milheiros que se fabricavam 6 anos antes do ano de 1690 tem visto anos em que se tem fabricado até 4500 libras (Pereira, 1803)⁸.

⁸ No original: «He bem verdade que o grande Principe Luiz 14 de França por motivo de Guerras continuadas no seu dilatado Reino, vio-se obrigado a fazer dobrar, e triplicar as fabricas dos Salitres de sorte que em lugar de 1500 milheiros q'. se fabricavão 6 anno antes do anno de 1690 tem visto annos em que setem fabricado ate 4500 libras».



O naturalista Joaquim José Pereira cita em alguns momentos de sua memória o exemplo espanhol, ora para mostrar a superioridade lusa, ora para indicar uma forma de superar os vizinhos ibéricos. O caso da árvore quina é o mais emblemático, pela importância desse vegetal no período: «Presentemente não deve ter a quina do Peru maior merecimento que a nossa quina piauiense»⁹.

Outro exemplo se encontra no trecho citado no início do artigo, quando Vicente Jorge Dias Cabral compara a quantidade da substância química alúmen na América portuguesa com a produção do Egito, Macedônia, Ilhas da Sardenha e do Nilo.

Além disso, outra pista para entendermos a noção de ciência é sua comparação com os outros tipos de conhecimentos do período. No trecho inicial desse artigo, Vicente Jorge Dias Cabral afirma que «O alúmen plumoso, que é raríssimo nos gabinetes dos curiosos, é frequentíssimo no nosso Piauí». A referência aos «gabinetes dos curiosos» mostra certo desprezo dos viajantes por esse tipo de colecionismo curioso, muito difundido nas casas aristocráticas da Europa no período. As novas coleções dos museus ou jardim botânicos deveriam ser agora pautadas pela ciência. Além disso, o conhecimento dos habitantes em relação aos objetos de pesquisa – o que hoje chamaríamos de senso comum – também eram, por vezes, citados. Um trecho da memória sobre a quina, de autoria do P. Joaquim, é bem paradigmático – e porque não, paradoxal – nesse sentido:

Este tempo escuro, que ainda reina entre os miseráveis que habitam nos desertos e entre os selvagens, a quem socorre a providência pela sua onipotência e misericórdias, porque atende aos seus gritos e a sua dor, tentam o remédio vegetal pelo meios mais oportunos à sua necessidade, sem conhecimento algum de seus princípios. Mas assim mesmo (...) nos tem revelado por este meio tantos remédios os mais eficazes (Pereira, 1801)¹⁰.

Ao mesmo tempo em que afirma que os habitantes dos «desertos» não conhecem nada a respeito dos princípios científicos das plantas medicinais, o padre deixa claro que o uso contínuo por parte desses mesmos habitantes revela aos naturalistas os remédios mais eficazes. Por meio desse *senso comum* os cientistas descobrem – e experimentam – os remédios:

Estava acometido de uma gangrena com cheiro cadavérico e com os sinais mais terríveis nas partes genitais o Capitão Theodozio Ribeiro de Carvalho, que nos havia de acompanhar por certo tempo precioso ao real serviço, o qual desesperado da vida cortando-lhe as podridões e sarjando com uma

⁹ Um dos produtos mais procurados nas viagens analisados, por suas propriedades medicinais, era uma árvore chamada quina. Das cascas do tronco se extraem diversos alcaloides, dos quais o principal é a quinina. Suas cascas eram utilizadas desde tempos remotos, mas apenas no século XVII foram analisadas e observadas pelos médicos. O medicamento tornou-se largamente utilizado na Europa no século XVIII (Carvalho, 1987: 22-23).

¹⁰ No original: «Este tempo escuro, que ainda reina entre os miseráveis que habitam nos desertos e entre os selvagens, a quem socorre a Providência pela sua Onnipotencia, e Misericórdias; porque atende aos seus gritos, e a sua dor tentam o remedio vegetal pelos meios mais oportunos a sua necessidade sem conhecimento algum de seus principios; mas assim mesmo (...) nos tem revelado por este meio tantos remedios os mais eficazes».



navalha de barba e as embalsamei com a quina piauiense, almecega e pedra hume crua bebendo da mesma quina e até usando emplastos dela pelo método mais conveniente e oportuno: eis aqui, excelentíssimo senhor, em breve a exposição do caso deixando por agora de ser mais difuso. Este motivo de crédito para este vegetal milagroso (Pereira, 1801)¹¹.

Mesmo sem saber o porquê, a população local utiliza as plantas e ajuda a ciência. Tomando as devidas precauções para evitar anacronismos, o trecho analisado nos leva a pensar nas reflexões de Rubem Alves a respeito da ciência atual: «E a ciência? Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinado do seu uso» Ainda segundo o mesmo autor, «o senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver» (Alves, 1981: 9-14).

Apesar de utilizar a *sabedoria popular*, os naturalistas recorrentemente definiam os princípios científicos – químicos ou físicos – de seus objetos de estudos através da referência a obras canônicas das ciências do séc. XVIII. Encontramos na documentação referente à viagem aqui analisada uma carta do Padre Joaquim José Pereira às autoridades portuguesas. Entre outros assuntos, o naturalista solicita uma lista de livros, que remete em anexo à carta. A lista de livros é a seguinte:

Quimica: de Baume pratica/De Naequer/De Fourcrou/De Norveau/jornal e anais de Brugnatelli/anais de Lavoisier. *Mineralogia*: de Kirwan/de Wallerues. *Dicionários*: de quimica de Naequer/ de agricultura de Rosier/ universal de geografia mercantil/ de história natural de Bomare/ de física/ de Brisson/ de matéria médica de Blaschart /de artes e ofícios da enciclopédia /da língua francesa da Academia de Paris/ da língua portuguesa de Moraes. *Sistema*: da natureza de Lineu/ dos vegetais do reino, na sua falta, o de Morray/ Species plantorum (Genera palntorum) por Reichard. *Obras várias*: de Bomet/ curso de estudos de Condelloe, Memorias da Academia de Lisboa de agricultura/econômicas/de literatura¹².

A divisão dos livros em categorias é um primeiro ponto a ser analisado. O naturalista separa os livros em química, mineralogia, dicionários, sistemas, obras várias e memórias

¹¹ No original: «Estava acometido de huma gangrena com cheiro cadaverico; e com os signaes mais terriveis nas partes genitae o Capitão Theodozio Ribeiro de Carvalho; que nos havia de acompanhar por certo tempo preciso ao real serviço o qual desesperado da vida cortando-lhes as podridoens, e sarjando com huma navalha de barba, e as embalsemei com a quina piauhence, almecega e pedra hume crua bebendo da mesma quina, e até uzando de emplastos dela pelo metodo mais conveniente, e oportuno: exaqui Ex.^{mo} Snr' em breve a expozição do cazo deixando por agora de ser mais difuzo. Este motivo de credito para este vegetal milagroso».

¹² No original: «Chimica: De Baume pratica/De Naequer/De Fourcrou/De Norveau/Jornal e Annaes de Brugnatelli/Annaes de Lavoysier. Mineralogia: De Kirwan/De Wallerues. Dictionarios: De Chimica de Naequer/ De agricultura de Rosier/ Universal de Geografia Mercantil/ De História Natural de Bomare / De Fizica/ de Brisson/ De matéria medica de Blaschart /De artes e Officios da Enscyclopedia /Da língua francesa da Academia de Paris Da língua portuguesa de Moraes. Systema: Da Natureza de Lineo, por [ileg.]/Dos vegetaes do reyno, na sua falta, o de Morray/ Species plantorum } Genera palntorum } por Reichard. Obras varias: De Bomet / Curso de estudos de Condelloe. Memorias da Academia de Lx^a: De agricultura/Economicas/De Literatura» (Ahu, 1684-1828).



da Academia de ciências de Lisboa. Para além da forma bem iluminista de tentar separar em categorias diferentes livros com conteúdos que por vezes se sobrepõem, visualizamos também as categorias científicas, ou, as disciplinas cientificamente valorizadas no período. Atenção especial para a química e mineralogia, que encabeçam a lista. Não ficam de fora livros de física, história natural, geografia e economia.

Além disso, temos uma predileção do padre por dicionários – que vão desde compêndios de física até dicionários da língua francesa e portuguesa. No final da carta enviada, Joaquim José reitera a importância desses dicionários, quando escreve que, dos seus pedidos, «mais que todos exige de Vossa Excelência a Enciclopédia Metódica»¹³. Juntamente com os dicionários o viajante solicita algumas obras que ele chama de «systema». Os sistemas naturais, que buscavam ordenar o caos natural foram bastante difundidos no período. Vale lembrar, por exemplo, que o Sistema Natural de Lineu, até hoje utilizado nas ciências biológicas foi publicado na segunda metade do século XVIII e figura na lista de obras apresentada pelo padre.

A divisão do conhecimento em verbetes e a tentativa de catalogação do mundo natural por vezes já foram elencadas como características do Iluminismo. Essa concepção de ciência, dividida, se propondo universal, pode ser vista de forma clara na lista de livros do naturalista Joaquim José Pereira. Uma última conclusão que podemos tirar dos títulos arrolados diz respeito à Academia de Ciências de Lisboa. De alguma maneira, a inclusão das publicações dessa instituição dentre as obras citadas mostra que também essas eram científicas. Ora, se vários dos naturalistas do período tinham seus textos publicados por essa instituição, podemos supor que os naturalistas consideravam o que eles produziam como *ciência*. O próprio Joaquim José Pereira envia um texto. Esse é um dado interessante, na medida em que não foi possível mapear nos relatos uma confirmação. As entrelinhas do documento analisado nos mostra que as memórias, os métodos de recolha e as descrições vegetais e minerais que os naturalistas produziam em trânsito fazem parte do que eles consideram como ciência.

5. Conclusão

Tenho consciência de que qualquer exercício que busque formular hipóteses a respeito da concepção de certos termos e conceitos em outras épocas corre o risco de ser impregnado de anacronismo, teleologia e, mais ainda, suposições. Entretanto o que se buscou aqui não foi a tentativa de uma definição estática e acabada de ciência. Mesmo porque, a meu ver, se essa concepção muda constantemente em nosso trabalho diários, é de se supor que também no século XVIII essa variação existisse. O que busquei foi apontar uma luz na direção de algumas ideias que possam nos ajudar a mapear o que os naturalistas entendiam como *ciência*. Como ficou claro, mais que uma concepção, os relatos mostram uma legitimação da ciência, seja frente a outros estados e nações

¹³ No original: «mais que todos exige de V. Ex^a a Ensylopedia Methodica» (Ahu, 1684-1828).



européias, seja frente a outros tipos de conhecimento, seja, finalmente, frente a sua prática enquanto útil para o bem e o desenvolvimento do estado.

Referências bibliográficas

- Ahu-Arquivo Histórico Ultramarino, *Catálogo de documentos manuscritos avulsos referentes à capitania do Piauí existentes no arquivo histórico ultramarino*, caixa 24, doc.1262, Piauí, 1684-1828.
- Bonato T., *Viagens do olhar: relatos de viajantes e a construção do sertão brasileiro (1783-1822)*, Fundação Araucária/Editora Unicentro, Guarapuava, 2014.
- Bluteau R., *Vocabulário portuguez e latino*, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra, 1712.
- Cabral V.J.D., *Continuação das observações feitas sobre diversos saes na parte inferior do Piauhý desde Junho de 1800 até março de 1801*, Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 127, doc.9555, Brasil-Maranhão, 1801.
- Cabral V.J.D., *Memória sobre as nitreiras naturaes da parte inferior da capitania do Piauhý*, Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 127, doc.9555, Brasil-Maranhão, 1801.
- Carvalho R., *A história natural em Portugal no século XVIII*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1987.
- Carvalho R., *A física experimental em Portugal no séc. XVIII*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1982.
- Cruz A.L.R.B., *As viagens são os viajantes. Dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII*, «História: Questões & Debates», 36, 2002, pp.61-98.
- Cruz A.L.R.B., *Verdades por mim vistas e observadas, oxalá foram fábulas sonhadas, cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*, Tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2004.
- Domingues A., *Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no império português, em finais do Setecentos*, «História, Ciências, Saúde», 8 (suplemento), 2001, pp.823-838.
- Ginzburg C., *O alto e o baixo: o tema do conhecimento proibido nos séculos XVI e XVII*, in Ginzburg C., *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, Cia das Letras, São Paulo, 2007.
- Hazard P., *O pensamento europeu no século XVIII*, Editorial Presença, Lisboa, 1983.
- Kant I., *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?*, Textos seletos, Vozes, Petrópolis, 1974.
- Kury L., *Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)*, «História, Ciências, Saúde», 11 (suplemento 1), 2004, pp.109-129.
- Kury L., *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*, «História, Ciências, Saúde», 8 (suplemento), 2001, pp.863-880.
- Leite M.L.M., *Naturalistas viajantes*, «História, Ciências, Saúde», vol.1-2, 1995, pp.7-19.



- Leite M.L.M., Pinheiro R., *Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro*, «Revista da Sbhç», v.3, 1, 2005, pp.58-79.
- Pereira J.J., *Memoria ou addendo, á continuação do diario em credito da quina do Piauhy*, Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 127, doc.9555, Brasil-Maranhão, 1801.
- Pereira J.J., *Carta escrita na cidade de Oeiras, em 1801*, Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 24, doc.1262, Brasil-Piauí, 1801b.
- Pereira J.J., *Memória sobre nitros naturais, sal de Glauber, Quina e mais produções inventadas na capitania do Piauí e Maranhão*, Arquivo Histórico Ultramarino, caixa 127, doc.9555, Brasil-Maranhão, 1803.
- Pereira J.J., *Memória que contém a descrição e problemática da longitude e latitude do sertão da capitania geral de São Luiz do Maranhão, que igualmente diz respeito ao numero das freguesias, e ao das almas, de que consta a mesma capitania; dirigida, e consagrada ao Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho, conselheiro, ministro e secretario de estado dos negócios da marinha*, «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro», 20, 1904, pp.165-169.
- Pereira J.J. *Memória sobre a extrema fome e triste situação em que se achava o sertão da ribeira do Apody*, «Revista da Sbhç», 20, 1857, pp.175-185.
- Pereira M.R.M., *Um jovem naturalista num ninho de cobras. A trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde em finais do século XVIII*, «História: Questões & Debates», 36, 2002, pp.29-60.
- Pereira M.R.M., Cruz A.L.R.B., *A história de uma ausência. Os colonos cientistas da América portuguesa na historiografia brasileira*, em Fragoso J. et alli, *Nas rotas do império. Eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*, Edufes, Vitória, Iict, Lisboa, 2006.
- Portella J.R.B., *Descrições, memorias, noticias e relações: administração e ciência na construção de um padrão textual iluminista sobre Moçambique na segunda metade do século XVIII*, Tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 2006.
- Sallas A.L.F., *Ciência do homem e sentimento da natureza. Viajantes alemães no Brasil do século XIX*, Tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná, 1997.
- Todorov T., *Las morales de la historia*, Ediciones Paidós, Barcelona, 1993.
- Vandelli D., *Memórias de história natural* (introdução e coordenação José Luis Cardoso), Coleção Ciência e Iluminismo, Porto Editora, Porto, 2003.
- Venturi F., *Utopia e reforma no Iluminismo*, Edusc, Bauru, 2003.
- Vieira D.S.L., *Paisagem e imaginário. Contribuições teóricas para uma história cultural do olhar*, «Fênix-Revista de História e Estudos Culturais», setembro, vol.3, ano III, 2006.